

RONIS (Osvaldo). — *Uma Epopéia de Fé: A História dos Batistas Letos no Brasil*. Rio de Janeiro, Casa Publicadora Batista, 1974. 634 págs. 282 ilustrações 11 mapas, 1 hino, 270 fotos.

Na oportunidade do 14º Congresso Anual das Igrejas Batistas realizado em Varpa, distrito de Tupã, na alta paulista, em julho de 1963, foi enfatizado o problema de um livro-depoimento, que contasse numa perspectiva diacrônica, parte da religiosidade dos letos no Brasil. Essa sugestão foi concretizada após dez anos de árduas pesquisas, pelo Professor Osvaldo Ronis com uma mensagem pioneira, intitulada: *Uma Epopéia de Fé: A História dos Batistas Letos no Brasil*.

Trata-se de uma obra volumosa, de grande riqueza, com 282 ilustrações que ainda mais a enriquecem: mapas temáticos, roteiros de acesso aos longínquos núcleos missionários que a Congregação Batista mantém, tanto no Brasil como na Bolívia.

Encarregou-se da apresentação o Dr. João F. Soren que foi Presidente da Aliança Batista Mundial, na década de sessenta e que de início afirma: “o historiador contemporâneo evita conclusões de natureza subjetiva bem como as de acentuado tempero preferencial e emocional”. (p. 17).

No prefácio o próprio autor conta que pode dispor de tempo e das fontes de acesso, fato que não é constante na vida dos pesquisadores no Brasil.

Uma primeira análise faculta sentir que: “*Uma Epopéia de Fé: A História dos Batistas letos no Brasil*” instrumenta: um esquema de 14 capítulos subdivididos, mais 12 anexos, dentro de uma linha tradicionalmente factual, pois o 1º capítulo intitula-se: O País e o Povo da Letônia, sem inseri-lo no complexo espacial Eurasiano, se bem que com algumas colocações válidas. Seja por exemplo a problemática etimológica do nome do país Letônia bem como os termos gentílicos “letos” e “letões” como termos que “*derivam da alcunha que os antigos livos ou lívios (fino-ugros), povo vizinho nos primórdios de sua história, em cuja língua a palavra “Lett” significa “cavar terra”, pois os letos sempre foram essencialmente agricultores.*” (pág. 31).

Sumariamente, nesta primeira parte enfoca o aparecimento do Povo, como foi dominado pelos russos e alemães, apesar de tentativas reacionárias até conseguir sua independência em 1918. Nesse contexto destaca a gênese Batista na Letônia. Louvável esta ponte de ligação entre os letos do Brasil e suas origens, dada a raridade bibliográfica a esse respeito, principalmente na língua portuguesa. Apesar de sucinta, deu-nos elementos para entendermos as razões da emigração dos letos para o Brasil e principalmente o modo como se radicaram dedicando-se à agro-pecuária.

Um outro destaque: as notas de pé de página, que além de valorizar a obra facultam melhor entendimento.

Na segunda parte do livro o Professor Ronis procura justificar os fatores que os levaram a optar pela emigração. Entre as explicações destaca-se essa: “*As opressões político-religiosas e as condições sócio-econômicas precárias que na Letônia não permitiam ao cidadão adquirir um pouco de terra*

para lavar e com o produto do seu trabalho prosperar honestamente, foram motivos fundamentais que deram origem aos primeiros movimentos emigratórios dos batistas letos para o Brasil" (pág. 106).

O autor tentou mostrar principalmente através de questionários, pesquisas, entrevistas, leituras de atas das Igrejas Batistas, como se formaram as colônias dos Batistas letos de 1890 a 1914 em Santa Catarina, Rio Grande do Sul e em São Paulo. Terminando a Primeira Guerra Mundial existiam apenas cinco: "*Rio Novo, Rio Mãe Luzia, Ijuí, Rio Branco e Nova Odessa*" (pág. 185).

A terceira parte da obra enfoca a emigração dos Batistas Letos para o Brasil quatro anos após o termino da I Guerra Mundial.

Nessa parte procura explicar "*o fundo religioso que possuía o movimento emigratório batista leto para o Brasil em 1922/23 e que resultou na fundação da maior colônia de batistas letos do mundo, denominada Varpa, em plena mata virgem do interior do Estado de São Paulo, e da maior igreja batista da América do Sul, na época com cerca de 1750 membros...*" (pág. 191).

De acordo com os depoimentos citados, podemos concluir que apesar do posicionamento político, favorável, da Letônia independente, os letos quiseram vir para o Brasil, pois alguns temiam que seu país novamente caísse nas mãos opressivas dos comunistas.

Apesar de muitas dificuldades, os letos conseguiram chegar a Santos, precisamente a 26 de outubro de 1922. Logo que chegaram contactaram com dois patrícios representantes que já haviam adquirido do capitalista português João Gomes Martins "*3.000 alqueires*" (pág. 224), no Município de Campos Novos, Comarca de Assis, na Alta Paulista. (O que na realidade são 2.000 alqueires de acordo com a escritura que eu tive oportunidade de ler no 13º Tabelião de São Paulo, sendo que o próprio autor na pág. 227 cita "*aproximadamente 2.100 alqueires*"; como não encontrei referência na errata, supondo que não se trata de um erro de datilografia, fica como sugestão corrigir a citação se sair uma nova edição).

Em chegando tiveram de proceder como autênticos pioneiros, pois tudo estava para ser feito. Levantados dois barracões passaram a viver nos primeiros meses coletivamente, utilizando-se do dinheiro da Caixa comum, sob a orientação do pastor João Inkis como "*líder espiritual em maior evidência*" e responsável pelo nome Varpa dado à nova "*colônia, que no idioma leto significa espiga*" (pág. 237), ora, vinculada, como distrito do município de Tupã, na alta paulista.

Começando a faltar recursos materiais para a sobrevivência do grupo, decidiu-se que uma parte iria trabalhar em outras localidades como, por exemplo, Dourados, São Paulo, e os que ficassem dariam início a implantação da colônia.

Após três anos de sacrifício, retornaram com recursos capazes de acionar o desenvolvimento do núcleo, até mesmo de aquisição de lotes individuais.

Como especificidade marcante: iniciaram a agro-pecuária, fundaram a Cooperativa de Laticínios — *"Latvia de Varpa Ltda, em 1931"* (pág. 254), escolas que funcionaram ao lado dos templos, em 1940 lançaram a *"pedra fundamental do prédio do Grupo Escolar de Varpa"* (pág. 259), em 1939, construíram o Hospital local tendo à frente a Doutora Margô Anderson. E aos poucos em Varpa começaram a surgir órgãos de administração pública.

Quanto àqueles que não quiseram viver em sítios próprios na Colônia de Varpa foram procurar viver *"juntos numa comunidade... comendo todos a mesma comida à mesma mesa"*... (pág. 268) numa gleba de 300 alqueires numa fazenda coletiva destinada à comunidade já formada e em cujo quadro social achavam-se registradas cerca de 350 pessoas, recebendo o nome de Palma, mais tarde *"Corporação Evangélica de Palma"* (pág. 269).

Seu principal administrador foi o pastor André Klavim e quase todos se dedicaram à agro-pecuária, *"a segunda fonte de renda em importância foi a avicultura"* (pág. 271), ao lado da sericultura e apicultura, que até hoje desenvolvem.

De Palma partiram diversas missões religiosas para locais vizinhos e alguns longínquos como Rincón del Tigre catequizando almas. Quem mais se destacou não só nesses trabalhos, mas também nos trabalhos da Imprensa de Palma, foi a professora Maria MelleMBERG.

A quarta parte do livro, apresenta em destaque o crescimento da obra missionária dos batistas letos no Brasil. Remontando aos trabalhos iniciais até a integração de sua obra com a dos batistas brasileiros; acusações de *"práticas pentecostais em seus cultos"* (pág. 304); à saída e a volta de membros para a Igreja Batista de Varpa; aparecimento de novas igrejas; os trabalhos missionários em diversos locais, etc. A construção de escolas missionárias; a Missão Evangélica Batista Leta de Rincón del Tigre, na Bolívia; o desenvolvimento de missões batistas letas provenientes de iniciativas particulares em diversos Estados brasileiros, principalmente Paraná e Santa Catarina. Enfim as contribuições dos batistas letos para o progresso do Brasil.

Apesar dos reparos, é uma obra útil para os que se interessam pelas minorias étnicas e para a sensibilidade daqueles que sentem respeito pelos bandeirantes modernos, abridores de picadas, por aqueles que *"semeiam embriões de cidades"*, na feliz expressão de Olavo Bilac ao focar o Bandeirante Ímpar

Por outro lado, lamentamos que o *"Caçador de Esmeraldas"* deixe transparecer certas reflexões como, por exemplo: *"Infelizmente, o ideal de uma sociedade perfeita à base de proibições foi impossível de ser mantido por muito tempo... Alguem premido pela necessidade, foi o primeiro a vender um lote de sua propriedade nas proximidades do Centro de Varpa a um cidadão brasileiro católico, que, achando por bem atender às necessidades prementes dos seus patrícios, abriu o primeiro bar, que reunia, especialmente aos domingos, muitos dos elementos nacionais empregados nos sítios dos letos e em outras atividades, bem como os caboclos residentes nas vizinhanças da colônia. Mais tarde, herdeiros incrédulos de um dos negociantes venderam uma parte do*

seu imóvel a outro brasileiro, onde foi construído mais um bar e um bilhar. Dentro de mas algum tempo surgiu também um campo de futebol e uma capela católica..." (pág. :57). Seriam essas idéias segregacionistas endossadas por todos os letos no Brasil?

O autor se propôs a dar "*explicação objetiva*" (pág. 26) e emprega juízos de valores como "*E diga-se de passagem que, pela graça de Deus...*" (pág. 267).

Estranhei que na bibliografia não foi citado o trabalho da professora Mília Tupes que é um dos primeiros a respeito de Varpa. Será que o autor não teve conhecimento desse ensaio que, apesar de mimeografado foi comentado na colônia leta e divulgado em resumo no Jornal *O Povo*, editado em Tupã. Fica como lembrete a citação do trabalho da professora Mília Tupes numa nova edição, como já sugeri em reiação aos 3.000 alqueires. E já que estou fazendo sugestões, acho que na transcrição de artigos ou textos será necessário colocar aspas, pois apesar de ter deixado alguns textos em destaque, eles não estão entre aspas, o que torna difícil distinguir os seus comentários dos textos citados como aconteceu na página. 206. Também na bibliografia não há necessidade de colocar suporte metodológico usado apenas na montagem do trabalho.

Quanto as fotografias, fonte iconografica de valor incontestavel estariam a justificar legendas mais elucidativas.

Finalizando estas notas, cumprimento o professor Osvaldo Ronis pelo trabalho que é uma contribuição positiva aos núcleos pioneiros na História de São Paulo, especificamente na colônia leta, e também pelas sugestões que a obra: *Uma Epopéia de Fé: A História dos Batistas Letos no Brasil* faculta aos interessados nesse campo específico.

IRINA VASSILIEFF.

* * *

*

DELLA CAVA (Ralph). — *Miracle at Joazeiro*. New York and London. Columbia University Press, 1970 (Institute of Latin American Studies — Columbia University) 324 p. 23 cm.

Ralph della Cava, Professor de História no Queens College, residiu no Brasil nos anos 1963-64, durante quatorze meses, cinco deles na cidade cearense de Joazeiro, e passou posteriormente três anos a trabalhar o material obtido em especial em dois importantes arquivos, os quais ele foi o primeiro estudioso a consultar: o Arquivo do Colégio Salesiano "Dom João Bosco", em Joazeiro, que della Cava coletou, organizou e catalogou pela primeira vez desde a morte do padre Cícero em 1934, e o Arquivo do Bispado do Crato, que registra o movimento religioso, segundo o ponto de vista da Igreja, entre 1889 e 1900.